

Do pátio à aula: experimentações para se pensar o conceito de aula a partir da cultura grega

From the patio to the classroom: experiments to think about the concept of class from the Greek culture

Del patio al aula: experimentos para pensar el concepto de clase desde la cultura griega

Recebido: 22/10/2022 | Revisado: 30/10/2022 | Aceitado: 02/11/2022 | Publicado: 08/11/2022

Gilcimar Bermond Ruezzene

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6185-4726>

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

E-mail: ruezzene@hotmail.com

Silas Borges Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6130-920X>

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

E-mail: silasmonteiro@me.com

Resumo

Este trabalho se constitui como um dos elementos da pesquisa de doutorado sob o título “A aula como questão e problema: experimentações e críticas”, onde tem por objetivo explicitar o processo de constituição e consolidação do conceito de aula ao longo do tempo. Esta investigação considera elementos da pesquisa qualitativa e quantitativa, numa perspectiva de complementariedade. De forma particular se configura a partir de elementos da pesquisa bibliográfica. Vale ressaltar que uma das fontes de dados, dessa investigação foi a entrevista com professores. Entendemos que quando pensamos nos processos educacionais, percebemos uma convergência para o que chamamos de aula. Por esse motivo entendemos ser necessário discutir tal conceito de forma mais aprofundada, bem como, sua constituição histórica e suas implicações para nossa atualidade. Ao longo deste trabalho, olhamos para a cultura grega, e buscamos a origem da palavra aula, seus desdobramentos e implicações para a constituição do conceito na atualidade. Ao analisarmos os dados coletados por meio das entrevistas com os 16 professores, percebemos que, quando se pensa o conceito de aula, temos a inclinação de pensar tal conceito com os significados de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Aula; Grego; Ensino; Aprendizagem.

Abstract

This research constitutes one of the elements of the doctoral research under the title "The class as a question and problem: experimentation and criticism", which aims to explain the process of constitution and consolidation of the concept of class over time. This investigation considers elements of qualitative and quantitative research, in a perspective of complementarity. In particular, it is configured from elements of bibliographic. It is worth mentioning that one of the data sources of this investigation was the interview with teachers. We understand that when we think about educational processes, we perceive a convergence towards what we call class. For this reason, we believe it is necessary to discuss this concept in more depth, as well as its historical constitution and its implications for our present time. Throughout this work, we look at Greek culture, and seek the origin of the word class, its unfolding and implications for the constitution of the concept today. When analyzing the data collected through interviews with the 16 teachers, we realized that, when thinking about the concept of class, we tend to think of this concept with the meanings of teaching and learning.

Keywords: Classroom; Greek; Teaching; Learning.

Resumen

Este trabajo constituye uno de los elementos de la investigación doctoral bajo el título “La clase como cuestión y problema: experimentación y crítica”, que pretende explicar el proceso de constitución y consolidación del concepto de clase a lo largo del tiempo. Esta investigación considera elementos de investigación cualitativa y cuantitativa, en una perspectiva de complementariedad. En particular, se configura a partir de elementos de investigación bibliográfica. Cabe mencionar que una de las fuentes de datos de esta investigación fue la entrevista a docentes. Entendemos que cuando pensamos en los procesos educativos, percibimos una convergencia hacia lo que llamamos clase. Por ello, creemos necesario profundizar en este concepto, así como en su constitución histórica y sus implicaciones para nuestro presente. A lo largo de este trabajo, nos fijamos en la cultura griega y buscamos el origen de la palabra clase, su desarrollo e implicaciones para la constitución del concepto en la actualidad. Al analizar los datos recogidos a través de

entrevistas con los 16 profesores, nos percatamos que, al pensar en el concepto de clase, tendemos a pensar en este concepto con los significados de enseñar y aprender.

Palabras clave: Aula; Griego; Enseñando; Aprendizaje.

1. Introdução

Quando olhamos para a cultura grega (Vernant, 1992), encontramos diversos pontos de contato com a nossa cultura. Por exemplo, as ideias de teatro, didática, filosofia dentre outras, dizem respeito a nós. O grande problema disso, que inclusive Hegel (2002) foi o primeiro a chamar a atenção é que quando você considera, por exemplo, a palavra didática, e diz que “a palavra didática vem do grego *didaktiké* que significa ensino”, tomamos uma tradução imediata, como um espelho da cultura grega. Entendemos que isso não significa nada. Pois, a pessoa que ouve, quando você fala: “a palavra grega didática significa ensino”, ela acredita que é o mesmo sentido que temos hoje. Hegel já chamou atenção para tal questão, dizendo haver quase um abismo entre o sentido que nós damos, aos bens culturais experimentados pela Europa em outro período, como se fosse um espelho do grego. Acreditamos que, ao contrário, essa é uma questão bem diferente. Ou seja, somente a partir de um exame minucioso dos conceitos e das palavras, conseguimos minimamente diminuir essa distância que existe da nossa compreensão dos termos de hoje para antes. Em especial ao considerarmos a herança cultural grega.

A partir de agora faremos uma tentativa de examinar e compreender o significado da palavra aula. Partimos de que a palavra tem sua raiz etimológica no grego *aulê*, portanto, esse será nosso ponto de partida.

De uma forma minuciosa, e não simplesmente como um reflexo no espelho do significado grego, buscamos a compreensão do significado dessa palavra que tanto usamos atualmente, de forma especial no contexto educacional.

2. Metodologia

Em nossa investigação ressaltamos que os dados quantitativos e os qualitativos são complementares (Minayo, 1996) e fazem parte do nosso rol de informações, o que nos proporciona fazer inferências a respeito do tema discutido.

De forma especial, esta pesquisa possui elementos da pesquisa bibliográfica (Severino, 2007), que se utiliza de instrumentos como: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis, sites e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. Segundo Prodanov e Freitas, (2013):

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (p. 54).

Por meio da pesquisa bibliográfica atualizamos o conhecimento daquilo que já foi produzido em determinada área. É esse caráter de aprofundamento, que daremos ao nosso tema de investigação: a aula.

Em uma das etapas da nossa investigação, além da pesquisa bibliográfica, para a coleta de dados, utilizamos a entrevista com 16 professores. Nossa intenção é adentrar nas memórias (Bourdieu, 1999) dos nossos entrevistados da forma mais natural possível.

Com essa intenção, de coletar dados, fizemos uma adaptação da entrevista intitulada como “O Abecedário de Gilles Deleuze” (Deleuze & Parnet, 1988).

3. Resultados e Discussão

3.1 A aula e alguns significados junto ao contexto educacional

Atualmente nos parece que o processo educativo se configura na aula como seu ponto central. Segundo Silva (2008, p.17), a aula se constitui como ‘principal espaço/tempo da atividade docente’. Por exemplo, quando pensamos na formação inicial de professor (Pimenta & Almeida, 2009), (Moreira, 2021), percebemos uma convergência para a aula; quando o professor realiza seu planejamento de ensino (Vasconcellos, 1995) observamos uma tendência de se pensar a aula; quando se pondera uma estratégia de ensino-aprendizagem se pensa na aula. Por isso entendemos a importância de aprofundar o conhecimento da palavra aula.

Observamos que, num exame rápido, a palavra aula no grego significa pátio, um lugar aberto. Num segundo momento, na Idade Média, por volta dos séculos XV e XVI, a palavra aula começou a ser usada para salões onde acontecia algo relacionado com a cultura, com a erudição. Eram espaços de encontros, leituras e debates dentro de castelos, próximos a bibliotecas. Posteriormente esses salões de leituras e debates vão para dentro das universidades, com o mesmo nome. Porém, era o lugar onde os catedráticos davam *aulê*, o que se faziam nos castelos. Inclusive as salas tinham os nomes desses catedráticos.

Com a expansão da educação, na virada do século XVII (Odália, 2006), e a construção das escolas, a palavra *aulê* foi usada também nesse contexto educacional. Pelo menos aqui no Brasil é usada. Nos Estados Unidos, por exemplo, não é usada da mesma forma, ou seja, se emprega *class* no sentido de classe e não no sentido de aula, como no Brasil.

Entendemos que quando usamos a palavra aula, que no grego significa pátio, isso não significa muita coisa. Assim, a sala deveria ser em um pátio? Acreditamos que isso não faz sentido. Devemos sair dessa zona de discussão e assim, compreender: por que a palavra aula ocupava esse espaço no mundo grego? Por que ela seguiu sendo usada? Como foi usado ao longo da constituição do que nós chamamos hoje de pensamento ocidental das instituições europeias? Posteriormente, como foi para a educação. Por exemplo, no Brasil chamamos de sala de aula e em Portugal também usam essa nomenclatura? E na Inglaterra? E na Índia? Acreditamos ser importante entender como as pessoas chamam essa sala onde as pessoas entram para receberem lições em diversas culturas, bem como suas possibilidades de proximidades e afastamentos.

3.2 Um olhar para a *aulê* a partir da cultura grega e latina

A palavra aula é a “transliteração do latim *aula* e do grego *aulê*” (Corazza, et al., 2020, p.3). O termo aula, era usado na Grécia antiga para indicar um pátio ou uma área livre, um jardim, por exemplo, local que vinha antes do prédio central de uma casa.

Com a intenção de compreender o significado da palavra *aulê*, realizamos uma pesquisa, em alguns escritos gregos, no formato digital, disponibilizados pela Loeb Classical Library, fundada por James Loeb em 1911, onde se encontra disponível uma ampla literatura, latina e grega, com uma vasta diversidade de gêneros e autores clássicos.

Para nossa pesquisa utilizamos, no buscador Loeb Classical Library, a palavra-chave *αυλή* ou *aulê*. Dessa forma, identificamos a ocorrência da palavra em 41 textos. No quadro, a seguir descrevemos algumas traduções para a palavra *αυλή* ou *aulê*, bem como o contexto utilizado:

Quadro 1 - Tradução e contexto da palavra grega *αυλή* ou *aulê*.

Tradução	Contexto
Pátio	Bem imobiliário descrito em uma ordem de pagamento.
Pátio	Local que integra um edifício real. O texto sugere, que tal pátio, é ornamentado em ouro. Talvez isso nos leve a pensar num local importante dentro do contexto daquele edifício real descrito.
Pátio	Local interno de uma casa abandonada. Esse pátio nos parece estar em ruínas, porém, ainda é habitado por aranhas, onde usam seus escombros para tecerem suas teias. O texto também sugere que o “ <i>αυλή</i> ” (pátio) se refere a um ambiente coberto por um telhado.
Corredor	Referência a um corredor de passagem. Suspeitamos que o “ <i>αυλή</i> ” (corredor) se configurava como um local de passagem que levava para outro ambiente, de uma casa ou castelo.
Palácio	Local construído com muito zelo e riquezas. Algo belo a ponto de ser comparado ao palácio de Zeus, o que possibilitava surpreender seus visitantes. Ou seja, aquilo que é belo (palácio de Zeus) é algo superior a tudo que comparamos.
Pátio	Se refere a um local que abriga fantasmas. Talvez esse local possa servir de abrigo para as visões quiméricas das pessoas que lá estiverem.
Pátio	Se refere a um local protegido por ameias, e portas dianteiras. Possivelmente, a partir da arquitetura grega, o pátio descrito no texto, se refere a um local central de uma construção maior, que talvez seja uma casa ou um castelo.
Pátio/quadra	Local, possivelmente aberto, situado à frente de uma igreja. Tal local, nos parece ser formada por uma grande área e com uma bela arquitetura em sua construção.
Pátio	Indica um local possivelmente aberto que antecede ao interior de uma igreja.
Pátio	Lugar compartilhado.
Pátio	Local grande e imponente, responsável por acolher o reservatório de água para abastecer a cidade imperial.
Pátio	Lugar espaçoso, cheio de adornos e com vista privilegiada para o mar.
Pátio	Utilizada para se referir a sabedoria do governante, o lugar da morada de Deus, percebida pela mente e nossos sentidos.
Pátio	Local onde pássaros ficavam. Possivelmente um lugar aberto.
Corte	Local onde as pessoas nobres tinham acesso.
Pátio	Espaço voltado para o sol. Provavelmente um local aberto.
Tribunal	Local indicado para o julgamento de pessoas.
Pátio	Indica um local que abriga os fantasmas.
Pátio	Uma edificação coberta e vedada por portas.
Pátio	Local de abrigo para um homem que pastoreava seu rebanho. Um homem que vivia sozinho e não obedecia a nenhuma lei.
Pátio	Local de passagem, que se constitui como anterior a entrada da edificação principal (casa/castelo).
Pátio	Local construção imponente e luxuoso.
Pátio	Local amplo e possivelmente aberto.
Pátio	É usada para se referir a um ambiente do palácio. Suspeitamos que esse local servia para a reunião de pessoas.
Corte	Se refere à casa do soberano ou aos nobres que frequentam a casa de Zeus.
Pátio	Área não coberta. Local onde se alimentavam os animais de pouco prestígio, pois, se alojam os exilados e pobres.
Palácio	A residência do semi-deus Penteu.
Corte	As pessoas que frequentam a residência de Ares (deus da guerra).

Fonte: Autores.

A partir do quadro anterior, verificamos a tradução da palavra grega *αυλή* ou *aulê* nos sugere: pátio, quadra, corte e palácio. De forma especial percebemos que na maioria das ocorrências a tradução, da palavra pesquisada, foi pátio. Em relação aos contextos usados, notamos que a palavra foi empregada para se referir a um local, coberto ou não. Que geralmente integrava uma casa ou castelo, um corredor de passagem, além de um bem imobiliário. Ainda constatamos que em vários momentos que a palavra *αυλή* ou *aulê*, foi utilizada para se referir a um local belo e luxuoso.

De acordo com Homer (1919, p. 242-243), no livro *Odisseia*, identifica a *aulê* como um espaço aberto, situado na entrada do palácio de Alcínoo. Já Strabo (1917, p. 4-5), no seu livro *Geografia*, apresenta a palavra *aula* para indicar a caverna de Bões Aulê, algo parecido com um “curral”. Na língua latina *aulæ* segue a compreensão do sentido grego, onde podemos perceber no poeta latino Modestinus, que em seu texto *Cupido adormecido*; descreve a respeito do amor jovem da seguinte forma: “Em torno dele vieram fantasmas, do salão sombrio de Plutão” (Modestinus, 1934, p. 540). Ao considerarmos a literatura

arcaica, grega e romana, o termo aula evidencia, por um lado, “o espaço antecedente, ao ar livre, ou coberto como uma caverna ou gruta; nessa cavidade aberta entram animais, ou circulam fantasmas” (Corazza, et al., 2020, p.8).

Na Idade Média restaurou o significado greco-latino, da palavra aula, incorporando-o a um salão, um espaço de uso, mas se diferenciando por agregar a porta à sua estrutura identitária. Não havia aula sem portas na Idade Média. Também verificamos que o cronista William de Poitiers escreve que no ano de 1047 o Château de Brionne, tendo como dono o duque William, apresentava um salão de pedra, ou aula lapideæ. Já no Château Domfort, posse de Guillaume II Talvas no ano de 1051, sugere existir uma sala (aula) em que se recebiam pessoas. Ou seja, isso nos sugere que a aula como uma edificação nobre.

Verificamos que no começo do século XIX, o Academic Hall da Universidade de Oxford era ocupado por seus professores, comumente conhecidos como *Aula Regis*, e se assemelhava a um espaço acadêmico muito importante (Mahler, 2015).

Foi a ampliação do edifício, construído para a educação do povo, que levou ao uso de um edifício imitando o *Aula Regis* que estava presente nas universidades desde a Idade Média. Hoje, o uso da palavra “sala de aula” é redundante, baseado no uso da palavra ao longo da história. Se o significado da palavra sala de aula nasceu como um espaço aberto, então a sala de aula foi atualmente fechada arquitetonicamente, e também talvez possamos dizer que em seu sentido conceitual.

Na porta instalada para se adentrar à aula, entendemos como um dispositivo de controle para que nem todos possam ter acesso. Um espaço arquitetônico vazio? A essa pergunta Corazza (2012), sugere:

É uma ingenuidade o professor pensar que, ao dar uma aula, está diante de um quadro vazio, de uma página em branco, de uma tela virgem. É um equívoco o professor acreditar que, para fazer uma aula, basta ele entrar na sala, fechar a porta, e dar a aula que quiser. É um erro o professor achar que a sua aula é inexistente; e que, ao fazê-la, poderia reproduzir uma aula que já funcionara como modelo exemplar. O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados; os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê. (p. 23)

A partir da citação anterior, entendemos ser duvidoso o professor acreditar que, ao dar sua aula, esteja diante de uma “folha em branco”, ou algo “oco e vazio”. Assim, a existência de uma carga de dados, independente da percepção do professor é algo que precisamos pensar ao longo do planejamento e execução de uma aula.

Ao pensarmos uma aula não acreditamos em algo linear, homogêneo e fixo; com início, meio e fim. Talvez possamos sugerir a direção de uma estrutura rizomática, na perspectiva de Deleuze e Guattari (1995). Afinal:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábua rasa, partir ou repartir do zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...) Kleinst, Lenz ou Büchner têm outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. (p. 37)

Entendemos a aula como uma estrutura dúbia, no sentido de pensarmos a educação formal. Nesse sentido, ela é dotada de uma potência dual que flerta com o *pharmakon* de Derrida, como possibilidade de remédio/veneno. Ela pode ser remédio numa perspectiva de potencializar o processo de ensino/aprendizagem. Por outro lado, pode ser veneno, quando assume uma posição linear, homogênea e fixa. Dosar a aula, a partir de uma única perspectiva, pode ser algo impossível. Afinal, a aula tende a possuir elementos que se constituem como um *pharmakon* em toda a sua estrutura.

3.3 O pátio e suas interpretações

Observamos anteriormente, por meio dos escritos gregos pesquisados, que a palavra *αυλή* ou *aulê*, teve maior ocorrência em sua tradução como pátio. Em que se configurava como um local geralmente coberto ou não, que fazia parte da edificação de uma casa ou castelo. Mas, afinal qual é o significado de tal local? A partir de agora apresentamos alguns indicativos para o significado da palavra pátio.

De forma especial o pátio interno, como parte da estrutura arquitetônica de uma edificação, remonta muitos anos atrás. A incorporação do pátio interno, numa edificação, foi um processo que incluiu diversas culturas, onde permaneceu temporalmente e chegou até a nossa atualidade. Segundo Reis-Alves (2006):

Os pátios internos estiveram presentes nas edificações em diferentes épocas históricas, culturas e climas do planeta, e chegaram a nós através dos majestosos espaços ao ar livre dos templos egípcios, do zigurat mesopotâmico e dos muitos e esplendorosos pátios do palácio do Rei Minos em Cnossos; mas também estavam presentes nas pequenas construções domésticas, os chineses denominaram-nos de t'ien ching, “dádiva do céu”; os pátios-peristilos gregos que, posteriormente, foram desenvolvidos e consolidados pelos romanos na forma de dois espaços distintos: o átrio e o pátio peristilo. Bizantinos e cristãos absorveram o legado romano e usufruíram do átrio para o acesso de suas igrejas. Na cultura árabe-islâmica, onde suas infinitas qualidades foram exacerbadas, foram utilizados tanto na vida doméstica, nas esferas íntima e social, quanto na pública e religiosa, fundindo o intenso brilho da luz natural com a translucidez da água, pois para eles eram representações do Paraíso. A Europa medieval reservou seu esplendor sob a forma dos claustros monásticos. Depois tornaram-se o *fortilhe* dos palácios renascentistas italianos, o *cour* e o *court* dos franceses e ingleses, respectivamente. Na Era Contemporânea seu ambiente de intimidade e proteção continua a contemplar a Arquitetura, mas sua forma atual mais imponente talvez seja como o hall de edifícios verticais, que mostra a influência direta dos átrios romanos; porém, em alguns casos, uma de suas características mais notáveis foi distanciada, que era o contato direto com o céu. (p. 19-20)

Percebemos que o pátio e seu significado passaram por diversas culturas antes de ser aceito pela arquitetura ocidental. Sendo assim, de acordo com Reis-Alves (2006), se destacam quatro fatores para a incorporação do pátio junto a arquitetura ocidental: “espaço psicológico”, com referência às questões de privacidade, segurança e vigilância; “razão econômica”, a partir da construção de cidades em torno de um área descoberta, proporcionando uma grande concentração de pessoas, num mesmo lugar, aliada a um baixo custo com a segurança; “condições climáticas”, esse espaço se tornou um regulador climático de um aglomerado de casas, proporcionando um micro clima para as construções do seu entorno; “conotação religiosa”, para os cristãos o pátio aberto lembra a imagem do homem no paraíso terrestre.

De forma especial, no contexto escolar, o pátio é um elemento arquitetônico presente em muitas edificações. É difícil imaginar, por exemplo, uma escola sem um pátio escolar. Nesse sentido, perguntar a função desse lugar, junto à escola, torna-se algo interessante. E assim, Reis-Alves (2006), nos dá algumas pistas:

Os corredores orientados a ele (**pátio**) devem ser grandes e dominá-lo. Será o lugar onde os alunos se encontrarão e discutirão a aula do professor. Um espaço que deve adquirir um valor de aula ao invés de ser somente um espaço entre aulas. Enfim, um lugar de potencial auto-educação, uma aula que pertence aos estudantes. (p. 19-20, grifo nosso)

Percebemos que o pátio escolar pode ser entendido como um lugar de encontro, entre alunos, onde se pode aprender. Dessa forma, talvez a sala de aula seja apenas um dos “gatilhos” onde perguntas emergem, nem sempre acompanhadas de respostas. Assim, o pátio, como o primeiro lugar fora da sala de aula, pode ser um local propício onde se “germinam as sementes”, plantados na sala de aula. Onde respostas podem ser encontradas por meio das conversas investidas junto a tal local.

Em uma residência, o pátio se constitui como um local seletivo e privativo, onde nem todos podem adentrar. Em um trecho da Bíblia Sagrada do evangelho de São João, (18, 15-18), podemos verificar o caráter seletivo do pátio a partir da seguinte descrição:

Simão Pedro e o outro discípulo seguiam Jesus. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote, e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote. Mas Pedro ficou fora, perto da porta. Então o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, saiu, conversou com a porteira e levou Pedro para dentro. (Bíblia, João, 18, 15-16)

Por meio da citação acima, percebemos que Simão Pedro, não tinha autorização para adentrar ao pátio do sumo sacerdote por não ser uma pessoa conhecida do dono da casa. Sendo assim, sua entrada só foi permitida depois que o outro discípulo, advogou a seu favor. Isso nos leva a acreditar que nem todos eram admitidos junto ao pátio das construções residenciais.

Na cultura egípcia (Steer, 2009), observamos existirem os pátios “sagrados”, reservados para poucos. Um lugar que se constituía como privilegiado para a comunicação dos deuses aos seus súditos, por intermédio do deus encarnado, o faraó. Dessa forma, segundo Reis-Alves (2006), observamos o seguinte significado para o pátio:

Com o sentido conotativo, à luz do pátio interno podem ser revelados os segredos e as mensagens dos deuses. Dentre outros sinificados, o templo egípcio era um modelo da paisagem da criação (Frankfort, 1961/76 in Rykwert, 1981). Segundo Humphrey e Vitebsky (1997), ele era composto basicamente por uma avenida de esfinges que conduzia a uma entrada monumental que se fazia através de um portão – pilão. A seguir, existia uma série de setores cada qual com seu respectivo pátio ou salão coberto, sendo que o primeiro, um pátio a céu desnudo, era rodeado de estátuas do rei divinizado. À medida que o caminho conduzia para o interior do templo, os tetos tornavam-se progressivamente mais baixos, o que aumentava a ideia de mistério. A cada setor do templo não era permitido o acesso a todos, sendo que a última sala somente o faraó poderia entrar. Lá os deuses revelariam os seus segredos e desejos, para que ele, como deus encarnado, retornando ao pátio revelasse-os a todos os seus súditos. Também era no pátio que os sacerdotes desenvolviam as cerimônias cósmicas e místicas. (46-47)

Percebemos que na citação anterior o pátio significa, para a cultura egípcia, um local sagrado, reservado para poucos, em que se constitui com extrema importância cultural. Aquele era o ambiente propício para se receber uma mensagem sagrada dos deuses, por mediação daquele escolhido para ser o deus encarnado, o faraó. Diante de um olhar raso, sem pretensão de aprofundamento, podemos inferir a possibilidade de enxergarmos semelhanças na descrição observada anteriormente com a sala de aula, na sua configuração atual. Ou seja, talvez o aprofundamento da nossa pesquisa nos leve a encontrar pontos de contato entre a descrição do pátio egípcio e a aula em seu formato como a concebemos atualmente.

3.4 A compreensão do conceito de aula na perspectiva dos professores que atuam na educação básica e superior

Ainda na busca por compreender o conceito da palavra aula, realizamos uma pesquisa de coleta de dados a partir da seguinte dinâmica: 16 professores.

Como inspiração para a coleta de dados fizemos uma adaptação da estratégia utilizada para entrevistar o filósofo Gilles Deleuze. Onde a jornalista francesa Claire Parnet, utilizou 25 palavras, antecipadamente escolhidas, para que o entrevistado discorresse a respeito de sua vida. Cada uma das palavras iniciando com uma letra do alfabeto. Por isso, tal estratégia ficou conhecida como “O Abecedário de Gilles Deleuze” (Deleuze & Parnet, 1988).

A partir da inspiração citada anteriormente, os professores foram convidados a indicarem cinco palavras que se materializasse, em seu pensamento, quando pensavam no conceito de aula. A seguir apresentamos os resultados obtidos, conforme a ordem em que foram indicadas pelos professores:

Quadro 2 - Palavras indicadas por professores a partir da sua compreensão de aula.

Palavra 1:	Palavra 2:	Palavra 3	Palavra 4:	Palavra 5
Aprendizado	Novo	Conhecimento	Ensino	Satisfação
Ensino	Aprendizado	Prática	Profissional	Conceito
Diálogo	Aprendizado	Ensino	Interação	Cidadania
Prazer	Motivação	Aplicabilidade	Teoria	Híbrido
Interação	Partilha	Colaboração	Experiência	Conhecimento
Estudo	Professor	Avaliação	Resolução	Escola
Objetivo	História	Contemporâneo	Debate	Leitura
Dinâmica	Interação	Didática	Aprendizado	Conhecimento
Motivação	Clareza	Debate	Ouvinte	Aprendizado
Aluno	Habilidade	Metodologia	Professor	Recurso
Planejamento	Conhecimento	Didática	Satisfação	Equipe
Ensino	Aprendizado	Diálogo	Amor	Oprimido
Professor	Aluno	Escola	Estudo	leitura
Aprendizado	Vivência	Troca	Profissão	Encontro
Alegria	Compreensão	Agilidade	Facilidade	Diversão
Ensino	Planeamento	Conteúdo	Estudo	Diálogo

Fonte: Autores.

A partir do quadro anterior, evidenciamos a indicação de 80 palavras, sendo 55 diferentes, com 7 repetições. Onde as palavras repetidas foram: aprendizado, ensino, planejamento, didática, estudo, conhecimento, leitura. Talvez, as palavras repetidas, nos indica uma forma de compreensão do conceito de aula. Porém, precisamos analisar de forma mais profunda o quadro das palavras apresentadas pelos professores.

Com a intenção de aprofundar o estudo das palavras indicadas pelos professores participantes da pesquisa, utilizamos a seguinte métrica: criamos uma escala de valores que vai de 5 a 1, sendo que o valor 5 é atribuído ao grupo “palavra 1”, o valor 4 é atribuído ao grupo “palavra 2”; o valor 3 é atribuído ao grupo “palavra 3”; o valor 2 é atribuído ao grupo “palavra 4” e o valor 1 é atribuído ao grupo “palavra 5”.

A nossa compreensão, em relação às palavras que foram indicadas, é de que o grau de importância de cada palavra, citada pelos professores, segue a ordem crescente a partir da palavra 1 até a palavra 5, sendo a palavra 1 a mais importante e a palavra 5 a menos importante.

Diante da métrica utilizada para cada grupo de palavras chegamos ao resultado a seguir:

Quadro 3 - pontuação de cada palavra.

Palavra	Pontuação total	Palavra	Pontuação total
Aprendizado	25	Colaboração	3
Ensino	20	Contemporâneo	3
Interação	11	Conteúdo	3
Professor	11	Metodologia	3
Planejamento	10	Organização	3
Didática	10	Prática	3
Aluno	9	Troca	3
Diálogo	9	Satisfação	3
Estudo	9	Amor	2
Motivação	9	Experiência	2
Conhecimento	9	Facilidade	2
Alegria	5	Ouvinte	2
Dinâmica	5	Profissão	2
Objetivo	5	Profissional	2
Prazer	5	Resolução	2
Debate	5	Tempo	2
Clareza	4	Teoria	2
Compreensão	4	Leitura	2
Habilidade	4	Cidadania	1
História	4	Conceito	1
Novo	4	Diversão	1
Partilha	4	Encontro	1
Planeamento	4	Equipe	1
Vivência	4	Híbrido	1
Escola	4	Oprimido	1
Agilidade	3	Público	1
Aplicabilidade	3	Recurso	1
Avaliação	3		

Fonte: Autores.

Ao considerarmos o quadro anterior, evidenciamos que a palavra aprendizado atingiu a maior pontuação, 25 pontos, seguida da palavra ensino, 20 pontos. Com já citamos anteriormente, acreditamos que os professores pesquisados, tem a tendência de associar o conceito de aula às palavras aprendizagem e ensino.

Dentre as palavras repetidas observamos o seguinte resultado:

- aprendizado: 25 pontos;
- ensino: 20 pontos;
- planejamento: 10 pontos;
- didática: 10 pontos;
- estudo: 9 pontos;
- conhecimento: 9 pontos;
- leitura: 2 pontos.

Ao verificarmos a pontuação de cada palavra, percebemos que quando se pensa no conceito de aula, existe uma tendência em associá-lo, em primeiro lugar, ao conceito de aprendizado. Em segundo lugar, ao conceito de ensino (sendo às duas palavras que obtiveram maior pontuação na metodologia adotada para a pesquisa).

4. Conclusão

Por meio da análise dos textos gregos, temos evidências de que o conceito de aula, inicialmente tem sua compreensão a partir do termo *pátio*, no sentido de se estabelecer como um lugar onde se adentrava. Possivelmente um lugar onde nem todos podiam ter acesso, ou seja, um lugar importante não apropriado para todos.

Destacamos os fatores para a incorporação do *pátio* junto à cultura ocidental como: “espaço psicológico”; “razão econômica”, “condições climáticas”, “conotação religiosa”. E assim, o *pátio* se constituiu como elementos arquitetônico presente em nossas construções atuais. Destacamos que, no contexto escolar, o *pátio* está presente na arquitetura em muitas edificações. Afinal, é difícil imaginar, por exemplo, uma escola sem um *pátio* escolar

Na Idade média a *aulê* ou o *pátio* se “transformou” em *Aulae Regis*, presentes nos salões acadêmicos de Oxford. Tal espaço era ocupado pelos *catedráticos*, que se dedicavam ao ensino, que por sua vez se caracterizava como laico. Percebemos nesse espaço, um local de grande importância onde nem todos tinham acesso.

Por meio das entrevistas com os professores, identificamos que os mesmos compreendem a aula a partir dos conceitos de ensino e de aprendizagem. Acreditamos que olhar para a aula na perspectiva dos conceitos citados, pode orientar a ação do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Entendemos que é necessário avançar na compreensão do conceito de aula, visto que, tal conceito é tão referenciado quando pensamos o processo de ensino-aprendizagem. Talvez com isso, podemos oferecer elementos que nos ajudem a pensar o lugar da aula junto ao processo educativo.

Acreditamos que precisamos de pesquisas futuras que discutam por exemplo: qual a importância que a palavra aula ocupava no mundo grego? Por que ela seguiu sendo usada? Como foi usado ao longo da constituição do que nós chamamos hoje de pensamento ocidental das instituições europeias? Posteriormente, como foi para a educação? As respostas a essas questões, podem nos ajudar, a direcionar o que efetivamente se constitui como aula ao longo das nossas práticas docentes.

Referências

- Bíblia. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Paulus, 1990. Jo 18, 15-16.
- Bourdieu, P. (1999). *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. (3a ed.). Vozes.
- Corazza, S. M. (2012). *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS. 202p. (Escrileituras. Cadernos de notas 3)
- Corazza S. M., Heuser, E. M. D., & Monteiro, S. B. (2020). *Docência, Currículo, Didática, Aula: fantástico arquivo político da diferença*. Revista Teias 21(63).
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Ed.34.
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1988). *O. Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista em vídeo. França.]
- Strabo. (1917). *Geography*, Volume I: Books 1-2. Tradução Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press. [Loeb Classical Library #49].]
- Hegel, G. W. F. (2002). *A Fenomenologia do Espírito*. Editora Vozes.
- Homero. (2000). *Odisséia*. (3a ed.) Trad. Manuel Odorico Mendes; edição de Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica: Editora da Universidade de São Paulo. (Texto & Arte; 5)
- Loeb Classical Library. (2020, novembro, 09). <https://www.loebclassics.com/page/usingloeb>
- Mahler, C. R. (2015). *Territórios universitários: tempos, espaços, formas*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- Minayo, M. C. de S. (org). (1996). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (6a ed.) Editora Vozes.
- Modestinus. (1934). *Cupid Asleep*. In: Avianus, Hadrian, Florus, Nemesianus, Reposianus, Tiberianus, Phoenix, Rutilius Namatianus. Minor Latin Poets, Volume II: Florus. Hadrian. Nemesianus. Reposianus. Tiberianus. Dicta Catonis. Phoenix. Avianus. Rutilius Namatianus. Others. Tradução de J. Wight Duff, Arnold M. Duff. Cambridge: Harvard University Press. [Loeb Classical Library]
- Moreira, A. F. B. (2021). Formação de professores e currículo: questões em debate. *SciELO Brasil*, São Paulo. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802992>
- Odalia, N. (2006). *A liberdade como meta coletiva*. In: Pinsky, J.; Pinsky, C. B. (orgs.). História da Cidadania. (4a ed.): Contexto.pp. 159-169.

- Pimenta, S. G., & Almeida, M. I. (2009). *Programa de Formação de Professores – USP*. In: Pinho, S. Z. (org.). *Formação de educadores: o papel do educador e sua formação*. Editora UNESP. P 23-41.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Feevale.
- Reis-Alves, L. A. dos. (2006) *O pátio interno escolar como lugar simbólico. Um estudo sobre a interrelação de variáveis subjetivas e objetivas do conforto ambiental*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ. XXXI, 393 p. Tese de Doutorado em Arquitetura – FAU/UFRJ/PROARQ.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. Cortez.
- Silva, E. F. (2008). *A aula no contexto histórico*. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). *Aula: Gênese, Dimensões princípios e práticas*. Papirus. p. 15-42.
- Steer, D. A. (2009). *Egiptologia*. Briquebooks.
- Vasconcellos, C. S. (1995). *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projetos políticos pedagógicos*. Libertad.
- Vernant, J. P. (1992). *As origens do pensamento grego*. Bertrand.
- Walker, J. (1806). *Oxoniana: Or Anecdotes Relative to the University and City of Oxford*. Oxford: Slatter & Munday.